

1  
ESCUDO

# Reportagem

Semanario das  
grandes reportagens

ANO I

23 de Maio de 1931

Numero 42



P  
A  
S  
S  
A  
P  
O  
R  
T  
E  
S

Espanha, França, Brasil  
e America do Norte

=

Agente no Norte da

**UNITED STATES LINES**

Nicolau Ferraz  
RUA DO LOUREIRO, 60  
Telefone 762 Porto

**CAMBISTA  
TESTA**

TEM Á VENDA A GRAN-  
DE LOTARIA DE SANTO  
ANTONIO. BILHETES E



FRACÇÕES AO PREÇO DA  
SANTA CASA DA MISE-  
RICORDIA ————

74, RUA DO ARSENAL, 78

**LOTARIA DE SANTO ANTONIO**

**3.000.000\$00**

Na Tesouraria da Misericórdia de Lisboa estão à venda bilhetes a 800\$00, décimos a 80\$00, vigésimos a 40\$00 e quadragésimos a 20\$00

**EXTRACÇÃO A 13 DE JULHO**

**GUÉRET, LLEWELLYN & MERETT, L.<sup>DA</sup>**

IMPORTADORES DE CARVÃO

Sucursal no Porto — RUA MOUSINHO DA SILVEIRA, 6, 2.º

Telefone 2683

Tem sempre em «stock» nos seus depósitos  
as seguintes qualidades aos melhores  
preços do mercado: «Cardiff», Almi-  
rantado — «New Castle screened»,  
«Coke» de gaz — «Antracite» tipo  
fava — «Chaufage» próprio  
para fogões de fogo  
circular

**A FAVORITA, L.<sup>DA</sup>**

FABRICA A VAPOR  
DE SABONETES  
E PERFUMES

FABRICA  
RUA FRANCISCO METRASS, C. M. L.  
LISBOA

DEPÓSITO GERAL  
RUA ARCO BANDEIRA, 160, 1.º (Frente)  
LISBOA

Sabonetes, Loções, Agua de Co-  
lonia, Pó de arroz, Elixir, Cremes,  
Saes, Pinturas para cabelos, Pe-  
troleos, Brilhantinas, Pastas den-  
tificas, Esmalte para as unhas,  
«Rouge», Extractos, etc., etc.  
Secção especial: P. C. T. E.

**REPORTER X  
E NOVELA POLICIAL**

Nos nossos escritórios,

**Rossio, 3, 3.º**

compramos os n.ºs 1 e 6  
DO REPORTER X  
e o n.º 1  
DA NOVELA POLICIAL

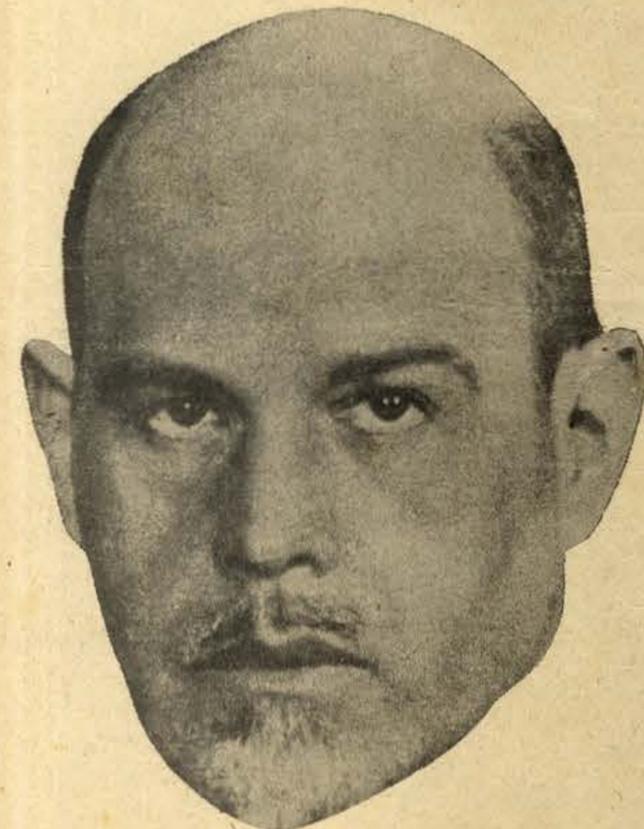


# A ALEMANHA

## TRAGICA

Três reporteres alemães acabam de sacudir os nervos da Humanidade com as sensacionais revelações do seu livro sobre as tragédias políticas que têm ensanguentado a história da sua pátria nos anos seguintes à guerra. Chamam-se esses reporteres J. Gumbel, B. Jacob e E. Falck. O Reporter X, sempre fiel à sua missão, vai sintetizar em poucas palavras o segredo desses crimes, através as confidências daqueles jornalistas.

A Alemanha é tida aos olhos do Mundo como o país onde a ordem está melhor assegurada, onde o civismo garante a justiça e onde os homens não se deixam alucinar pelas paixões sociais. Contudo em nenhum outro país a política se tem ensanguentado em maiores tragédias e mais repetidas do que a Alemanha.



Rathenau, o célebre político e sociólogo das esquerdas alemãs, uma das vítimas da «Maffia S. A.»

Prova-o uma simples estatística: de 1914 até ao assassinio de Rathenau, registaram-se 376 crimes — 354 da Direita e 22 da Esquerda! O fim da guerra foi catastrófico para a monarquia e para a classe dominante. A fuga do Kaiser, a implantação da República pelo povo, os horrores da baixa do marco arruinando a pequena burguesia, roubando o pão ao operariado, semeando revoltas, criando o *spartakismo*, dividiu a população em duas massas hostis. Uma, anti-burguesa e anti-imperialista; outra imperialista, fortalecida pelas fortunas dos industriais que beneficiaram com a miséria e pela criação de uma guarda, a pretexto das desordens, mas

que, de acordo com o capitalismo e com os imperialistas prussianos, militarizaram a indústria e começaram uma obra de regresso às perigosas ambições que tinham levado a Europa à mais apocalíptica das guerras. Qual o seu plano? Esmagar a República e as aspirações pacíficas do povo alemão, reorganizar a pátria e vencer

## 376 crimes célebres

os vencedores. Ante este sonho todos os caminhos lhes pareceram legítimos.

Começemos por Erzberger, chefe do Centro Católico, mas homem moderno, liberal, pacifista e republicano — e portanto um símbolo do ódio dos imperialistas. Ele tentara evitar a guerra; ele tentara uma paz sem vexames, em 1917. Em Janeiro de 1920, ao sair dum tribunal, um estudante, Oltwig, feriu-o com dois tiros. Em Agosto do mesmo ano, passeando por Griesbach, foi assaltado por Shultz e Tillesen, um aspirante de marinha, que lhe descarregaram doze balas — continuando a fazê-lo mesmo quando era evidente que estavam atacando... um cadáver. Os assassinos fugiram para a Hungria com passaportes falsos. Mas uma misteriosa protecção, vinda de uma sociedade secreta que decretou todos estes crimes, salva todos os criminosos... Um amigo íntimo dos dois assassinos — Von Killinger, é denunciado como grão-mestre dessa sociedade, e preso. Provou-se a sua complicidade, encontrando-se-lhe o material com que falsificara os passaportes. Recebe na prisão elevadas quantias. É condenado numa pena insignificante e reaparece pouco depois, como deputado nacionalista, no Reich.

Os tenentes de marinha Baldt e Dithmar, autores dum livro em que nós, portugueses, somos metidos a ridículo e caluniados miseravelmente, são condenados, nesse ano, a 10 anos de prisão, pelo Reich, acusados pelos aliados de terem afundado 3 navios-hospitais durante a guerra. Poucos dias sofreram de cárcere. A mesma sociedade secreta cerca de madrugada a prisão de Leipzig com «autos» e metralhadoras, arromba portas, mata guardas e liberta os dois criminosos. Mas de todas as proezas da que o povo alemão chama «A Maffia do Kaiser», a mais misteriosa... e, por paradoxo, a mais eloquente é a da morte de Rathenau.

Walter Rathenau, inteligente, anti-imperialista, consciente do crime que a sua pátria come-

(Conclui na pag. 14)

# Roubaram o cadáver de um



ODOS os países que estiveram durante séculos sob o regime monárquico herdaram das civilizações antigas o fanatismo quase pagão de prestarem culto eterno aos cadáveres dos seus soberanos, refinados e expostos nessas vitrines da morte que são os *pantheons*. Para que o simulacro de vida produza uma maior sugestão, burlam as mais sagradas leis da Natureza, furtando aos vermes, operários laboriosos da transformação eterna, os corpos idolatrados, sujeitando-os a torturas (os cadáveres têm uma sensibilidade para sofrer: a dos vivos que sofrem ao contemplá-los) para que fiquem blindados contra a decomposição, deixando-os como carcaças vazias, manequins macabros, Carnaval da matéria em eterna e estática mentira.

Os egípcios ergueram o milagre das pirâmides, como cofres-fortes dos cadáveres dos faraós, fornecidos de guloseimas e frutas predilectas, mas os egípcios eram coerentes com as suas crenças, fazendo do involucro carnal uma espécie de *guichet* entre o mundo e a alma, e por isso embalsamavam os mortos como quem estabelece uma linha telefónica... Mas os reis da era cristã, criando o Escorial, criando os vários *pantheons* europeus, convictos de que só a alma é eterna e que o corpo é matéria emprestada pela Natureza e que à Natureza deve ser devolvida, é que se desmentem nesse terror à fatal decomposição, exigindo para si o embalsamamento e a exibição dos seus cadáveres, mascarados com uma fantasia de vida... Note-se: existem sociedades avançadas que usam dessa exibição de falsa vida — para manter as multidões em disciplina ante o espírito de um chefe que morreu. O governo russo construiu uma mostra sempre iluminada, em Moscovo, para que o cadáver embalsamado de Lenine estivesse, de dia e de noite, ao alcance do fanatismo civil do público. E quando a morte, mais teimosa nesse corpo do que noutro qualquer, triunfa da Ciência e a mumia ameaça desfazer-se, logo os chefes bolchevistas se inquietam e chamam novos sábios para que a carcaça viva, para que o morto não torne a morrer...

### O «pantheon» dos reis bragantinos

Foi a Dinastia de Bragança, imitando outras dinastias estrangeiras, quem criou o *pantheon* dos reis portugueses. É num casarão lugubre, penumbroso, de tecto baixo e ogivado, do velho templo de S. Vicente que se reúnem, sobre estrados pouco altos, os esquifes luxuosos (a Morte também sabe luxar) chapeados de prata, forrados de veludo que assombrou e encardiu,

contendo os cadáveres dos soberanos bragantinos, soberanos, príncipes, infantes... Ignoro quantos são ao todo... Julgo não errar em contar doze... Durante muito tempo consentiu-se ao público, a tanto por cabeça, aquele espectáculo macabro... A maioria dos ataúdes estavam fechados, os tempos arqueados, afligindo mais no seu discreto mistério do que os outros, os que estavam abertos, defendidos apenas por umas chapas de vidro, através das quais se viam D. Carlos e o louro e belo Luís Felipe, com as cicatrizes das feridas que lhes causaram a morte, maquilhados numa *coquetterie* dos embalsamadores, D. Fernando e poucos mais... Raro é o *pantheon* europeu que não franqueia as suas portas à curiosidade, quasi sempre mórbida, do público. A tanto por cabeça, que eu saiba, só o nosso. É uma industria irrespeitosa, sacriliga quasi... Negociar uma exposição de cadáveres, sejam de reis ou de plebeus, destroniza a solenidade dum *pantheon* — nivela-o a uma barraca de feira, a

um Museu Grevin, em que o material em vez de ser moldado em cera o fosse... em carne morta.

Recordo-me de ter um dia visitado o *pantheon*. Era menino e moço ainda. Erguido na ponta dos pés, sobre os estrados, para chegar aos caixões, debruçara-me sobre o cristal e espreitara, emocionadamente, os reis e os príncipes mortos... E num mau pensamento, que me acovardara logo a seguir, visionei uma colecção de de cadáveres célebres reúnidos num palácio de milionário onde o milionário, como quem exhibe preciosidade de laca e marfim, levasse os seus visitantes dizendo: «Possuo já, entre muitos outros, os corpos de Napoleão, de Buddha, de Carlos Magno e Vasco da Gama... Estou em trato para adquirir os de S. Antonio e de Homero. Contudo só me sentirei orgulhoso ao adquirir os cadáveres de Washington e de Victor Hugo. Mas pedem-me muito dinheiro por eles... Esperarei que desçam o preço»...

Mal supunha eu que essa macabra fantasia não era tão inverosímil como se me afigurou, durante anos, ao recordá-la...

### O cadáver do Imperador do Brasil

Há cinco ou seis anos, como remate de um movimento político que se dera no Brasil, os brasileiros quiseram que o seu último imperador, que dormia o sono eterno, entre os Braganças, no *pantheon* de S. Vicente, se libertasse de tão longo e postumo exílio, regressando à pátria. Um reporter de *O Século* — desses que aparecem, de súbito, no jornalismo e que dele desertam, pouco depois, deixando o vestígio fulgurante de um verdadeiro talento —, Mario Salvaterra, foi encarregado de auxiliar os chefes da informação, nessa reportagem. O Brasil enviara um barco de guerra, e a sua tripulação colaborou com a nossa marinha nas honras do embarque, marginando o caminho desde S. Vicente até ao cais. Na noite seguinte encontrei-me com Mario Salvaterra num «café». Era um moço magro, de olhar triste, segregando algode mistério.

«Ainda bem que veio sentar-se à minha mesa — disse-me. — Tenho um assunto que deve interessá-lo. Estive para o tratar eu mesmo — mas eu... sou um desiludido. Seria um vandalismo. Estragava-o ou estragavam-mo.» E depois de uma pausa, fixando-me nos olhos — confidencia-me: «Você sabe que roubaram o cadáver dum rei, no *pantheon*?»

Estremeci, ao mesmo tempo que hesitava em arriscar um sorriso, sem saber se ele *blagueava* ou falava a sério. Mas ele prosseguiu: «Não sei qual deles é... Nunca tinha entrado em S. Vicente... Sabe onde estão D. Carlos e o príncipe herdeiro? É o terceiro caixão, na fila do D. Carlos, caminhando para o fundo. Está vazio...»

Calou-se para enrolar um cigarro. A sua voz era lenta, numa lentidão fatigada. Dir-se-ia um sonâmbulo, monologando num transe. Contagiava-me um nervosismo estranho, como se me ciceronasse num pesadelo alucinado. — «E fui cêdo, muito cêdo... Cheguei primeiro do que os outros; não deram por mim; fiquei sozinho no *pantheon*, rondando os mortos... Experimentei os tampos dos caixões tapados. Estavam todos bem fechados. Só aquele não estava... Senti-me afogado, como na ante-câmara de uma grande proeza, como se me fosse possível perscrutar... o outro mundo. Olhei à volta. Nem viva alma.

Pousei o chapéu no estrado e, com as duas mãos encavilhadas nos fechos, ergui o tampo... Uma almofada... O fundo fôfo, como um leito... Um crucifixo a um canto. E mais nada. Estava vazio... O cadáver que devia conter — desaparecera...»

Pela primeira vez, durante a sua confidência, me olhou com atenção; e ao adivinhar a minha descrença crispou-se-lhe o rosto numa contracção de cólera, berrando: «Final você é como toda a gente... E eu a gastar o meu latim... Não se desculpe. Já sei que não me acredita... Bem. Adeus!»

E abalou, resmungando. Pouco depois era proibida a entrada de público no *pantheon*.

### O ladrão de cadáveres

O caso veio em todos os jornais de Berlim, em correspondência dos seus redactores de Leipzig; mas o que me serviu de alerta foi um diário de Leipzig — *Leipzig-Tage-Zeitung* — com data de 10 do corrente:

«A especialização de vampiro de cemitério tem-se desenvolvido tão extraordinariamente, nos últimos anos, entre o banditismo alemão que a Direcção Geral da Polícia em Berlim encarregou o inspector-detective Karl Fritcher de organizar uma ofensiva contra essas qua-



O pantheon dos reis bragantinos — Igreja de S. Vicente em Lisboa



O vampiro Jacob Lycald, por alcunha «Von Zimmer» (Ficha da policia de Leipzig, do «Criminal Magazine»)

drilhas macabras. A última proeza, que tanto alarmou o público, foi o assalto em 7 do mês passado ao jazigo que pertenceu à família de Hugo Stinner, no cemitério de Hardyplatz. Após várias tentativas sem êxito, Karl Fritcher recebeu uma informação que, não o conduzindo a uma pista dos «vampiros», como julgava, foi, contudo, o início do estranho caso que vamos relatar. Essa informação partiu do «Contrôle Policial dos Correios», que a recebera dum funcionário tele-

(Conclui na pag. 14)

# Os portugueses entre

OS historiadores e publicistas nacionais mostraram-se sempre pouco generosos para os corsários e piratas portugueses, ocultando ou ignorando as suas proezas, algumas das quais estavam ao nível da glória dos maiores navegantes da nossa raça. E essa reserva ativa dos escritores vem já dos próprios reis. Enquanto os soberanos da França, da Inglaterra, da Holanda protegiam os seus corsários, não só fechando os olhos às suas rapinas sangrentas como premiando-os quando desmantelavam a navegação dos outros países, integrando os mais famosos na marinha de guerra, com altos postos de chefia, os monarcas portugueses mantinham-se indiferentes na ofensiva à pirataria, embora soubessem que alguns desses almirantes negros eram filhos de Portugal e que não esqueciam a pátria quando viam, no alto mar, a nossa bandeira... Só Camilo no seu «Santo da Montanha» revela a existência dum pirata lusitano que desventuras amorosas levaram à aliança com um argelino célebre em assaltos marítimos...

## CORSÁRIOS



Proezas de piratas (século XVII)

tuguês eram ainda o «Talema», que tentou assaltar o Tripoli (século XVII); um tal «João Algarvio», o «Salema» (ambos século XVIII); e o «Crisóstomo Bunedo», apodado de «Sanguesuga» — um dos últimos corsários do Mediterrâneo — não falando da ousada opinião de Caselli que, num recente número de *Il Mattino Illustrado*, garante que o «Barba Negra» era português.

Na pirataria do norte destaca-se, em grande relevo, «Shotebraker», um suéco que durante vinte anos dominou aqueles mares, impondo uma espécie de vassalagem ao conselho de burgueses de Hamburgo. O seu nome, célebre ainda hoje em toda a Escandinávia, significa «entorna canecas», e conquistou-o êle numa aposta que fez, aos 18 anos, ao cair prisioneiro dum corsário, grande bebedor de cerveja, o qual se comprometeu a poupar-lhe a vida e oferecer-lhe o posto de imediato caso êle bebesse mais cerveja do que êle, no prazo de dez minutos. Ganhou a vida e o posto, emborcando 20 canecas contra 14... Ao assenhoriar-se da chefia daquela esquadra de piratas, nomeou seu ajudante



O carrasco chinês que mais piratas tem degolado: Sir-Hang

um indivíduo de nome Jaime de Castro (*Castro*, escrevem os historiadores), que calou sempre a sua procedência mas que era, indiscutivelmente,

português. Portugueses eram José Lemos, naufrago de uma caravela lusitana com rumo ao Brasil e que, poucos anos depois, surge combatendo os holandeses, chefiando um navio pirata cuja bandeira (*Morgan et la conquête de l'Amérique*, de Jacques Pagés, pag. 283) era negra, tendo ao centro o pavilhão português; Vasques Gouveia, um dos tenentes do célebre Morgan, e Leopoldo de Sá, condenado à morte pelo governador da Baía, e que fugindo do cárcere na véspera da execução se abandonou aos célebres piratas chefiados pelo espanhol «El Mursiano», brilhando, como um herói, no ataque aos ingleses em Jamaica, em 1782.

Até na pirataria chinesa aparecem aventureiros da nossa raça. O que era o capitão Barros de Lacerda, ascendente do escritor dos mesmos apelidos e a quem Portugal deve, em parte, a posse de Macau, senão um corsário, cujos crimes El-Rei de Portugal perdoou, graças a êsse seu patriótico gesto? Mas a mais sensacional revelação sobre «os portugueses na pirataria mundial» vem, em poucas linhas, no *Daily Express* de 12 do corrente. Ei-la: «SHANGHAI, 11.—Um destacamento de marinha inglesa, desembarcado do auxiliar «King Edward», travou batalha, nas proximidades de Ton-Tchen, contra as hostes do célebre pirata chinês «Fugh-Man», não conseguindo fazer prisioneiros pela rápida fuga dos bandidos, que conhecem às cegas o terreno. Segundo informações de alguns cativos resgatados, o verdadeiro chefe do bando é um europeu — português ao que parece — de apelido Silva, que, possuindo grande cultura e profundos conhecimentos da estratégia militar moderna, domina em absoluto aquele chefe pirata amarelo.»

Quem é êsse português? O *Reporter X* tentará averiguar-lo. Iniciámos já as nossas *démarches* nesse sentido.

## Uma récita no Trindade

patrocinada pelo «Reporter X» e dedicada aos «clubs» desportivos de Lisboa

No próximo dia 1 de Junho, realiza-se no Teatro da Trindade uma recita curiosíssima, patrocinada pelo *Reporter X*, de homenagem ao talentoso actor Alves da Costa e sua gentilíssima esposa, a apreciada actriz D. Fernanda de Sousa, e dedicada aos «clubs» desportivos de Lisboa.

Representar-se-á excepcionalmente a peça intensíssima *O autoritário*, uma coroa de glória do grande actor Alves da Cunha, que presta a sua colaboração a esta festa, bem como os apreciados artistas D. Maria Pinto, Antonio de Sousa e Lino Ribeiro.

D. Berta Bivar cedeu gentilmente o seu papel à homenageada D. Fernanda de Sousa.

Completam o programa desta brilhantíssima festa um acto de variedades por artistas de vários teatros de Lisboa e o sorteio de uma taça que o *Reporter X* oferece, para os espectadores, por meio de sorteio, designarem a que «club» de Lisboa deverá ser entregue.

Esta recita brilhantíssima, promovida pelo *Reporter X* em homenagem a Fernanda de Sousa e Alves da Costa, e dedicada aos «clubs» desportivos da capital, deve levar ao Teatro da Trindade uma numerosa e escolhida assistência.

## A tirania do espaço

Por absoluta falta de espaço foi-nos impossível publicar neste número um interessantíssimo e oportuno artigo do ilustre artista Joaquim Oliveira sobre a actual situação do teatro português e uma carta, vibrante de patriotismo, que o nosso querido amigo sr. José Piñol, um dos membros mais inteligentes da colónia catalã, no Porto, nos dirigiu, e que ficam reservados para a próxima semana.

# A ARTE DO TERROR



Uma cena de máxima violência de «Le curé Maurat» de Charles Doré...

ameaça: — «Vocês desprezam-me, mas eu vingou-me!» o elevador sobe, e o bruxo, com as pupilas dilatadas, numa hipertensão de hipnose, segue-o com o olhar; e o cabo quebra-se; e o elevador vem, de escantilhão, despedaçando-se no palco, rasgando as carnes e esmigalhando os ossos dos que iam dentro; e tudo isto numa visão real, os corpos a mutilarem-se à nossa vista, empoçando a scena de sangue — num *truc* tão habil e sugestivo que os mais serenos dos espectadores se agitavam nos *fauteuils* e abafavam gritos de pavor!

São sempre assim as peças que se representam no Teatro do «Grand-Guignol», em Paris... Ora precisamente esse teatro festejou agora o seu meio século de existência — provocando na Imprensa acesas polémicas entre os seus fanáticos e os seus adversários.

A gente de teatro, ao tentar explicar a crise por que atravessa, garante que o público de post-guerra, inquisitoriado, na sua maioria, por quatro anos de torturas se enfastiou de todos

## «GRAND-GUIGNOL»

ela produz, a qual, começando na tristeza sentimental, se dilata até à tragédia e ao terror. Os dramaturgos e os actores gregos aperfeiçoaram a tal extremo de realismo a sua arte que, afirma a História, muitas vezes sucedeu, nos teatros de Athenas, as mulheres perderem os sentidos e algumas a vida, fulminadas pela sugestão do realismo do terror que as obras e os interpretes lhes provocavam... Um dramaturgo e um núcleo de actores portugueses alcançaram já essa glória literária-artística. Foi quando Marcelino Mesquita escreveu «A Dor Suprema», interpretada pelos Rosas, pela Virginia, pelo Brazão... As autoridades estiveram para proibir a obra — por causa dos desmaios que ela causava na plateia...

O «Grand-Guignol» é, no teatro moderno, a suprema arte do terror...

Voltei várias vezes ao «Grand-Guignol», e

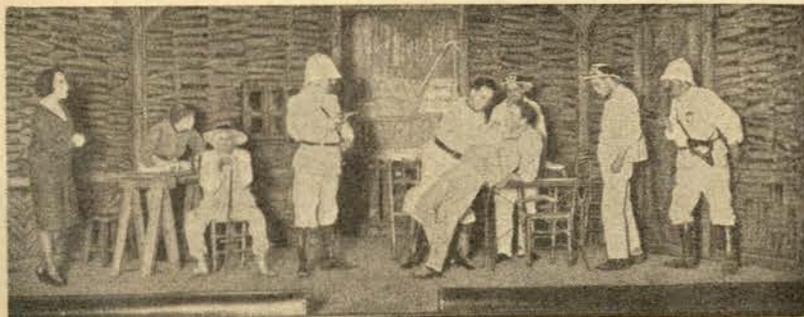
É a Jaime Morse, jornalista brasileiro que viveu todo o rodapé das aventuras parisienses que eu devo o pesadelo daquela primeira noite de beleza e de terror em 1919... Tinhamos deambulado por Montmartre, mas a chuva e o frio expulsaram-nos da rua. Ao passarmos pela Rua Chaptal, a fachada estreita mas elegante e refulgente de luzes de um teatro obrigou-nos a estacar. — «E se fôssemos ao «Grand-Guignol?» — lembrou Morse. Era, de facto, o Teatro do Grand-Guignol, o Templo do Terror... Cedi, distraído... Abria o espectáculo *La Lumière Rouge* — o drama de uma mulher em estado cataleptico que é enterrada viva. O marido, que a amava loucamente, é fotógrafo amador; e tendo-a retratado a magnésio, minutos antes de fechar o ataúde, descobre, ao revelar a chapa, dias depois, que o clarão, influenciando nos nervos adormecidos da esposa, fizera com que ela abrisse, por um instante, os olhos... Scenas de agonia; a exumação do cadáver; a revelação do cadáver — já cadáver... — todo contorcido pelas ansias da asfixia — e toda esta tragédia *mise-en-scenada* com um realismo notável sem a lacuna dum detalhe, caixões verdadeiros, cenários impressionantes, um cemitério com ciprestes... quasi autênticos; e um grupo de artistas especializados no género, com o talento aplicado à arte de aterrorizar o público. A seguir, uma farsa; e depois da farsa *Le Mystère des Pyramides* — um bruxo egípcio que persegue e odeia por ser desprezado e odiado; o elevador dum grande hotel, onde os hóspedes, para se esquivarem ao seu contacto, se alargam para que ele não entre; a sua



Uma scena de terror bem «grand-guignol»: o sábio louco hipnotiza a mulher cubiçada e arranca-lhe o coração («Les nuits tragiques», de Maré)

os dramas, desejando apenas divertir-se, rir, esquecer, alegrar-se... Por muito verdadeira que seja esta observação, não se pode arrancar à arte a sua missão de comover, de emocionar, de dedilhar as almas com a ficção das melancolias e mesmo das dores humanas — visto que a arte, para o ser, deve espalhar a vida, e a vida, infelizmente, não é um mar de rosas. E sendo assim não se pode nem se deve estabelecer, dogmáticamente, gradações à emoção que

muitas vezes me dediquei, de preferência, ao estudo do público... Contrações de rostos, olhos esgaseados, esboços de fuga, gritos abafados, expressões de dor profunda... E mal o pano caía, caíam também aquelas máscaras de sofrimento, lendo-se nos rostos a digestão dum prazer... talvez mórbido, mas bem saboreado, bem gozado. Existem espíritos que gozam com o próprio sofrimento, com a própria tortura... Sardou, no *Thermidor*, revela-nos uma figura histórica, a filha de um carcereiro do tempo do «Terror», que chorava, como Madalena, ao assistir a dramas teatrais, que detestava o teatro e a literatura dramática, porque a afligiam, porque a torturavam — mas que, ante dramas reais, frente à guilhotina, frente aos condenados à morte e aos entes queridos que choravam o último adeus, ria-se, gozava, maltratava, ansiosa de dilatar a dor alheia — quando essa dor não era ficção de arte mas vida real.



«Les faunes humaines» — scenas atrozes desenroladas entre guardas e degredados, na Guyana

O «Grand-Guignol» está sempre cheio. Criou um público, como criou um elenco de artistas especiais, como criou um grupo de escritores que só se dedicam ao género. O dramaturgo Jean Gilbert, o mais antigo fornecedor desse teatro, autor de quasi 100 peças de «grand-

(Conclui na pag. 10)

A Civilização transformou o Mundo numa espécie de páteo onde as nações e os povos vivem como «senhoras vizinhas», bisbilhotando, debruçadas, todo o dia, a janelas... As janelas são as fronteiras, antigas muralhas que a T. S. F., o «Junkers», a Imprensa raspam tornando-as diáfanas como o vidro... O abalo sísmico, com que o Samsão-Povo sacudiu toda a Espanha social responde ao maior espectáculo da actualidade. Todos os outros povos o cercam, como afeccionados no sol e sombra de uma praça, vigiando artistas e comparsas, com uma atenção emocionante e nervosa, aplaudindo, pateando, assobiando, lançando para a pista chapéus e flores ou garrafas e almofadas conforme as simpatias ou critério com que apreciam.

Esta curiosidade febril dos outros povos pela evolução política espanhola não significa apenas um interesse frívolo pelo espectáculo ao frisson... A revolução espanhola pode influir no futuro da Europa e da Humanidade — qualquer que seja o prisma com que a enfrentemos. Daí a preocupação viva, obcecada, que ela causou em todo o Mundo. E se no próprio Japão, o país mais afastado da Espanha, o seu reflexo foi berrante, levando o governo nipónico a reunir em Madrid oito dos seus mais argutos diplomatas — em Portugal, visinho, do patamar peninsular, esse interesse não pode deixar de ser muito mais intenso. Extensas e detalhadas até à minúcia têm sido as reportagens que a nossa imprensa dedica à revolução espanhola. A que o Reporter X publica hoje, sobre os «Alcapões do Palácio do Oriente», focando apenas a residência de Afonso XIII, deve emocionar o público pela alta importância das sensacionais e inéditas revelações que a recheiam, inéditas em absoluto, visto que nenhum jornal estrangeiro ainda as inseriu, e sensacionais pela ligação directa que elas têm com Portugal...

Como um simples operário pode incendiar uma grande reportagem histórica

No dia 12 vieram-me anunciar a visita de um estrangeiro — galego parecia ser — que, já por duas vezes, durante a minha enfermidade, me procurara. Graças a esta sensibilidade que responde, na organização espiritual dum jornalista, àqueles aparelhos dos observatórios que registam, com antecedência, os mais distantes fenómenos sísmicos, pressentia um interesse máximo em receber aquele estrangeiro. Mal entrou no meu gabinete o reconheci — e... me felicitei. Existem bruxos que protegem os reporters. Resolveria dias antes escrever esta reportagem e lamentaria a distância e a impossibilidade de encontrar aquele homem — elemento de preciosa informação para completar as revelações que mencionava oferecer ao público...

— Então Ballester... Você em Lisboa?  
De paso... — respondeu, olhando, vesgo, em redor, como que desejando ficar sozinho comigo. Um sinal discreto e o gabinete despovoou-se. Ele então, mais à vontade, confidenciou-me:

— Não estava bem em Madrid... Podia regressar a Barcelona ou à minha terra, mas ali pior ainda. Toda a gente sabe quem eu sou. Chamam-me «El noy del Gat»... Não ignora que o «Gat» era... «Su Magestad Alfonso XIII»... Eram capazes de darem cabo de mim, nesta hora de ódios em que se encontram... O senhor sabe que eu tenho filhos... Refúni umas pesetas amealhadas e passei-me para Portugal... Tenho um irmão em Gyaquil, na República do Equador, e outro em Buenos Aires. Vim esperar um vapor que me leve para as Americas, onde estou fóra de perigo. Em Lisboa também não me fazem mal... Quando a Marieta — a minha irmã — se despediu de mim recomendou-me muito que viesse ver o seu menino... E olhe que me disse isto com os olhos cheios de lágrimas. Fala d'ele como dum filho...

Escutava-o, distraído. Eu só queria um pretexto para entrar... no assunto dos «alcapões do Palácio do Oriente» que éle, só éle, podia revelar-me em todos os seus detalhes e segrê-

# Os alcapões do Palácio

dos visto que fóra éle... o seu autor. E este pretexto chegou...

Manolo Ballester, «El noy del Gat»

Manolo Ballester, «El noy del Gat», é um operário valenciano de trinta e tal anos, que desde muito novo residiu na Catalunha. Alto, forte, musculoso, bem levantado nas pupilas claras e luminosas — inspira fantasia e confiança. Especializou-se em mecânica. Num período de crise de trabalho foi contratado pelo Teatro Principal Palace de Barcelona, onde se representam as mais espectaculosas feeries da Europa e onde éle mereceu, até dos próprios criticos de arte, elogios pirotécnicos graças às maravilhas de maquinismo que inventava para as apoteoses e quadros de magia. Mais tarde, quando Rambal,



O ex-rei Afonso XIII e o príncipe herdeiro

o actor empresário dos dramas policiaes de grande espectáculo, levou à scena *El hombre sin rostro*, de João Fonseca e Adolfo Coelho, traduzido para espanhol por mim e Liñares Becerra, apresentei-o a Rambal, e Rambal a Ballester ficou devendo os maiores êxitos da sua carreira, devido às montagens que aquele mecânico lhe carpinteara.

As minhas relações com Manolo Ballester foram por intermédio de meu filho Edgard. Nascido em Barcelona, há 9 anos, necessitou um bom laboratório humano, vulgo ama de cria, para lhe fornecer o leite diário. Recomendaram-me Marieta Ballester, uma valenciana agigantada e ingénua como uma criança, que uma vez se indignou porque viu o seu menino metido numa tina para se banhar: «Isso é uma crueldade — uma criança tão pequena e nua, toda dentro de água!» — bradava ela. Vivia com o marido, uma ranchada de filhos e o irmão — «El noy del Gat». Preguntei um dia a Manolo a razão do seu apodo... Afogando-se, não sei se de colera se de orgulho, explicou-me:

— E' essa canalha que não pode admitir que eu seja fiel como um cão a Sua Magestad... Mas é meu dever — visto que D. Afonso me quer e me trata com muita amizade. Vai para cinco anos que nos conhecemos. (Manolo ao pronunciar o nos conhecemos tossiu para disfarçar o pudor que a própria vaidade lhe causava.) O Principal Palace levou a Madrid as suas revis-

tas. El Rei foi vê-las e gostou dos meus engenhos. Falaram-lhe de mim e dos meus inventos. No dia seguinte recebi a visita de um sujeito do Palácio a mandar-me lá ir... Calcule a vergonha que tive ao encontrar-me frente a El Rei. Ele então... encomendou-me um trabalho... sim, um trabalho que devia ficar só entre éle e mim. Durou cinco meses e pagou-me... como um rei! E sabe uma coisa? Quando eu voltei, o Pagés, que é dos SSindicatos, quis por força que eu lhe contasse o que tinha feito. Chegou a ameaçar-me de morte! Que me matasse — respondi-lhe —, porque eu preferia morrer a traír a palavra dada a D. Afonso! E não é por me gabar, safu obra assada! Se um dia éle necessitar servir-se do trabalho que lhe fiz — Deus permita que esse dia nunca chegue —, tenho a certeza de que os meus alcapões serão a salvação de toda a família real...

Alcapões? Quis saber, mas Manolo, arrependido já da sua confidência, mudou de assunto. — «Daí é que veio a minha alcapou. Como chamam a El RRei «El Gat» eu passei a ser «El noy del Gat».

Mais tarde soube que Manolo abandonara Rambal contratado definitivamente para o serviço do Palácio do Oriente.

Os segrêdos dos palácios reais

Todos os palácios reais... têm os seus segrêdos. A exhibição constante, a tirânica vigilância que involuntariamente o povo exerce sobre os soberanos, e mal as portas principais das suas residências se abrem à sua passagem, obriga-os a usarem da sombra e da porta falsa para poderem gozar um pouco de ar livre, sem perigo de serem vigiados, seguidos, aplaudidos, cumprimentados... Versailles tinha os seus segrêdos como as Tuileries, como Malmaison. Ficou célebre, na História do Terror, certo serralheiro a quem Luís XVI, pouco antes de ser preso, encomendaram... molas e engenhos para alcapões secretos. O Palácio de Inverno de Leninegrado possuía também as suas portas falsas, de que o Tzar não chegou a servir-se... porque o mataram em Ekaterinburgo. Luís XIV — o Rei Sol — orgulhava-se dos mistérios da sua ante-câmara, dizendo que a éles devia, três vezes, a vida. O infeliz Maximiliano do México iniciara, numa sala do seu palácio, chamada a «Sala de Nove», as obras de uma porta falsa, quando o vieram buscar para ser fuzilado... A primeira vez que estive em Londres, em 1918, deambulei uma noite com um português, mais londrino que muitos os londrinos, que me chamou a atenção para uma porta estreita e semi-oculta na sombra, que se rectificava no muro de um jardim, caindo sobre ela, como um reposteiro, uma longa e madeixa de ervas e flores. E' a porta secreta do palácio real inglês. Era por ali que Eduardo VII, quando príncipe, saía de noite... Todos os palácios reais têm uma porta gemea áquelela. Foi por uma porta deste género que Afonso XIII saiu, para abandonar a Espanha, na tarde em que o povo de Madrid proclamou a República...

O Palácio do Oriente foi inaugurado em 1764, sobre as ruínas de um castelo incendiado. As obras começaram em 1734, no tempo de Felipe V. O seu primeiro architecto foi Juvarrá, que morreu pouco depois de traçar o projecto. Fôram buscar ir à Itália Sachetti, que herdara de Manzi, o artartista favorito dos Bórgias, a arte... das portas falsas. Elas já existiam no Palácio do Oriente quando Carlos III o foi habitar? Ignoro. Um reporterter italiano que em 1927 entrevistou, para *Letturara*, Afonso XIII conta o seguinte: «Ao atravessarmos, eu e o Marquês de Viana, secretário do Rei, um corredor, que conduzia à saleta onde le se encontrava Sua Magestad, con-

tei, não sei porquê, as portas e os espelhos que existiam nesse longo corredor: eram doze espelhos e treze portas. De regresso da entrevista, percorrendo o mesmo corredor, descobri, atontado, que havia treze espelhos e só doze portas! Tenho a certeza de que não me equivoquei. E sendo assim, como explicar esta metamorfose? A verdade é que, ao passar por ali pela primeira vez, cruzámo-nos com um outro secretário do Rei, que vinha ajujado de pastas-dossiers. Ele não nos viu e eu notei, com estranheza, que éle se encaminhava para um dos espelhos, na atitude de quem se dirige a uma porta. O rosto do Marquês de Viana contraíu-se numa expressão de contrariedade e pronunciou, em voz alta, um nome — o nome do colega, seguramente. Mas só o nome! E o outro recuou e mudou de atitude... e de direcção.»

Confidências de um palaciano

Ramon del Val-Inclan, o maior cronista e o mais genial cínico da literatura espanhola, *el hombre que perdía la mano derecha de 300 maneras diferentes*, foi hóspede, muitos anos, dum casal que tinha pertencido à creadagem do Palácio do Oriente. Contaram-me uma vez, por o terem ouvido a Val-Inclan (e éle escutara-o aos seus hospedeiros), a confidência que se segue: — Afonso XIII tem um secretário oficial — o Marquês de Viana; dois semi-secretos; quatro completamente secretos; mas aquêle em quem o monarca mais confia... é... néle próprio. Todos os dias fecha-se uma hora num dos seus gabinetes e é nesse período que éle trata dos seus assuntos mais íntimos, dos seus arquivos misteriosos, da sua correspondência secreta. Onde guarda essa papelada do mais alto valor político, pessoal e dinástico? Outro mistério. Ao que parece, El-Rei tem ao seu serviço um mecânico de talento que lhe constroi cofres secretos, armarios invisíveis, alcapões que só éle e o operário conhecem e sabem manejar.»

Um artigo de «El Debate»

Sem querer discutir a veracidade das suspeitas dos inimigos de Afonso XIII sobre a sua acção directa em vários acontecimentos graves dos últimos anos da História Espanhola — as responsabilidades da guerra de Marrocos, as ordens secretas que o ex-rei dera ao general Silvestre e que causaram o desastre de Annual e Mont-Arruit, onde 14.000 soldados espanhóis perderam a vida, e a que largamente me referi na minha «História completa da Ditadura Espanhola»; a sua influência no movimento militar de 1923 e em toda a obra de Primo de Rivera; a sua inspiração nas tragédias de Montjuick, torturas, fuzilamentos (572 execuções em dois anos), e na repressão de Arlegui e Martinez Anido em Barcelona; a morte de Ferrer em 1908 e a dos fuzilados de Jaca em 1931; a verdadeira atitude real durante a guerra; as ofensivas clericais; o jogo diplomático de toda a política nacional e internacional — suspeitas essas que o Governo da República rectificou —, sou obrigado a evocá-las para explicar a causa das ordens discretas do ministro do Interior, Maura, a proposito das buscas realizadas no Palácio do Oriente. Ambiciona o governo encontrar e revelar toda a correspondência secreta de Afonso XIII, par, através dessa correspondência, provar à Espanha e ao Mundo essas responsabilidades. Os jornais nada ou pouco disseram — mas ao Reporter X chegou a notícia de ter sido nomeado o comissário Luno, chefiando os melhores detectives da confiança republicana, para se encontrar essa correspondência. Ha três semanas que a policia percorre os salões do ve-

correspondência secreta — porque é nossa convicção que ela não existe e que portanto é trabalho baidado o do governo, remechendo de alto a baixo o Palácio, à sua procura.»  
A confiança de *El Debate* nasceu da informação, um pouco tardia..., da existência dos alcapões do Palácio do Oriente.

O segrêdo de Afonso XIII

...Manolo Ballester abriu-se, por fim, comigo. Homem leal, incapaz de uma traição nem sob a ameaça de morte, falou-me na certeza de que os factos o libertaram da palavra dada:

# do ORIENTE

capitado e imprudente, pelo nervosismo que transparentava. Foi em 5 deste mês. Recordo-me das suas frases: «O governo não deve ler essa correspondência; e se a ler não a deve publicar — porque, por muito grave que pareça de momento o seu conteúdo, é cedo ainda para a criticar. Ela pertence à História, e só quando os anos passarem, serenando todas as paixões, é que se pode medir o verdadeiro valor dessas cartas e da acção de Afonso XIII.» Mas *El Debate* viu, assustado, o efeito que esse artigo produzira nos republicanos, aguçando-lhes a curiosidade, e dois dias depois — a 7 — dizia, afectando grande serenidade: «...isso no caso de existir qualquer

— Seja como for — Sua Magestad está longe e, felizmente (feliz e infelizmente), não necessita de se servir do «caminho».  
— Qual caminho?  
— Eu lhe conto. A primeira vez que éle me contratou foi para lhe construir uns pequenos alcapões onde pudesse guardar papelada sem perigo de que o mais espertalhão pudesse dar com a engenhoca. Mecanizei-lhe cinco alcapões, cada um com capacidade igual à de um cofre-forte vulgar, e apostava a cabeça como ninguém, nem o mais pintado, dará com éles. Da segunda

(Conclui na pag. 11)



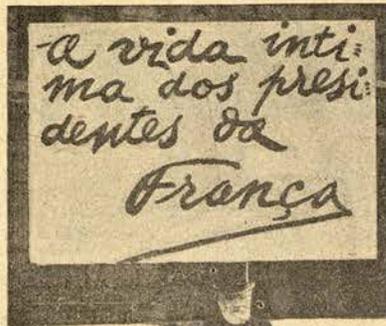
A sumptuosa sala do trono do Palácio do Oriente, onde existe um dos misteriosos alcapões. Nos retratos: os infanties

**A** França está umbilicalmente ligada a todos os povos do Universo. O rítmico enervamento produzido, 7 em 7 anos, pela mudança do seu piloto supremo — o Presidente da República, — que em França significa uma metamorfose total da sua política, espelhada antropometricamente pela nova orientação presidencial, não pode deixar de transmitir a todos os povos uma forte sensação, sobretudo ao nosso povo, que a vigia com uma curiosidade atenta e emocionada...

A eleição presidencial em França entusiasma como um jôgo cheio de imprevistos e de surpresas. A última eleição — a de há dias — fixara, sobretudo, um candidato, Briand, um dos «azes» da política internacional. Entre Briand e Doumer, tudo indicava que fôsse Briand o vencedor. E não foi, como nunca é aquêle que se julga. Foi Doumer. Doumer é o décimo terceiro — o 13 — presidente que, em 60 anos de existência, a 3.ª República Francesa elege. Nunca, como nesta eleição, apareceram tão poucos candidatos. Porquê? Os interessados desculpam-se de várias formas, mas o verdadeiro segredo dessa abstinência foi... o 13 fatídico.

O 1.º presidente foi Thiers... Chamavam-lhe o *presidente das duas presidentes*. O seu romance íntimo inspirou a Balzac uma obra escandalosa... Dizia-se que Thiers era amante... da sogra, e que a verdadeira *presidente*, a que mandava, punha e dispunha..., era a mãe, não era a filha. E Thiers tinha 74 anos, e chefeio o Estado 2 anos; o 2.º foi Mac Mahon, 5 anos; o 3.º foi Grevy, com 72 anos, reeleito aos 79 anos, presidindo ao todo 9 anos; Perier, com 47 anos, manteve-se 2 anos; Felix Faure, com 54 anos, esteve 4 anos; Loubet, com 61 anos, conservou-se até ao fim do mandato, assim como Fallières, 65 anos, e Poincaré, 53. Deschanel, que fez toda a sua carreira política ambicionando a presidência, que a essa ambição dedicou todos os esforços da sua inteligência, sacrificando-lhe tudo, era um *gentleman*, um verdadeiro Chefe de Estado comparável ao nosso Teixeira Gomes, pelo espírito, pela alma, pelo passado. Pouco depois de eleito (tinha 65 anos) foi atacado por uma doença nervosa, exclusiva dos homens que têm uma vida pública intensa: a asfixia das responsabilidades, das gentes que o cercavam, das multidões que o aplaudiam. Uma noite, viajando num comboio especial, com um sequito atento a todos os seus gestos, fechou-se na sua *cabine*, aflito, angustiado, ansioso por se libertar daquilo que tanto desejava, e, numa crise mais forte, atirou-se da janela do «vagon», com o comboio em marcha — e em pijama. Oficialmente, *foi uma queda*... Pouco depois entrou numa casa de saúde, e pouco tempo viveu. A sua presidência durou 7 meses, apenas. Detalhe curioso: Caído à linha, descalço e em pijama, levantou-se, ferido sem gravidade, e dirigiu-se a um apadeiro. O chefe dêsse apadeiro telegrafou prra Paris, dizendo: «Apareceu-me um sujeito que parece louco e que diz ser Presidente da República e que caiu à linha. Detalhe: *Tem os pés lavados, o que prova pertencer a bôa sociedade*... Millerand seguiu a Deschanel, com 61 anos, estando 4 anos na presidência. Doumergue, eleito aos 61, esteve os 7 anos do mandato.

Grevy, que foi reeleito, esteve apenas 2 anos na segunda presidência, porque o seu genro se envolveu no célebre escândalo das condecorações, negócio rendoso... Dos 12 presidentes, 6 deram a sua demissão. (Thiers, Mac-Mahon, Grevy, Perier, Millerand e Deschanel.) Dois morreram a meio da sua missão: Sadi Carnot, assassinado, e Felix Faure... misteriosamente. Faure era um *vieux vert*, *Tenório* que não abdicava mesmo sob o peso das responsabilidades políticas... Uma noite, ao 4.º ano de presidência, ofereceu um banquete, seguido de baile, no palácio. Faure comera bem e bebera razoavelmente. A êsse banquete tinham sido convidados o célebre pintor Dreaud e sua esposa. Faure desaparecera das salas. Ouve-se um grito. Fôra M.<sup>me</sup> Dreaud que o soltara. Arrobada a porta de uma saleta encontrou-se o presidente morto, com as mãos enclavinadas nos cabelos da esposa do célebre pintor, que em vão tentara desprender-se...



para representação. Todos êles — exceptuando os que se envolveram em escândalos financeiros — saíram da presidência endividados. Existe, na presidência, um velho creado de quarto, que data já de Carnot, que é quem decreta as *toilettes* presidenciais. E' êle o tirano dos *fracs*, das sobrecasacas, dos chapéus altos. E' êle quem põe e dispõe, no guarda-roupa, quem dirige e manda nos alfaiates dos presidentes. E os presidentes obedecem-lhe cegamente. Chamá-se Jean Morgottin e já roça pelos 68 anos... Ganha 1.000 francos para casa e comida. As suas memórias têm sido disputadas por vários editores — mas êle só as deixa publicar depois de morto...

E as esposas dos presidentes? Quási todas

## A ARTE DO TERROR

(Continuação da pag. 7)

«*grand-guignol*», é intitulado «Le Prince du Terreur». E que peças: autopsias; virgens que caem no covil de loucos furiosos; criminosos satânicos; cenas da Inquisição; corpos queimados vivos; degredados que assaltam uma casa, na Guyana, onde só existem mulheres; violentadores de cemiterios — toda a galeria das tragédias requintadas...

A Itália tentou «*grand-guignol*», como Portugal o tentou também, duas vezes, e com êxito: no Teatro da República, com Palmira Torres, Inácio, Carlos Santos; no *Sil da Bandeira*, do Porto, com Adelina, Alexandre, e com o maior *metteur-en-scène* que tivemos, Portulez, que não dispensava um detalhe realista.

Quem sabe se ainda hoje seria um êxito o «*grand-guignol*» em Portugal? Mas como ninguém o tenta — quem amar as sensações do terror... tem que ir até Paris.

R. X.

## A propósito de Al Capone

A propósito da reportagem que no número transacto publicámos sobre a passagem de Al Capone por Lisboa, fomos procurados pelo sr. João Felgueiras Gomes da Silva, empregado da contabilidade da Vacuum Oil Company, que sendo flagrantemente parecido com Al Capone, que fotografamos no Rossio, julgou ter sido êle próprio o retratado. Felizmente, aquêle nosso visitante não tem com o célebre bandido de Chicago senão a flagrante semelhança física. Casos de grande parecença entre pessoas que vivem nos mais afastados continentes e que pertencem às famílias mais distantes são frequentes. Nesta coincidência de Al Capone, lucra grandemente o sr. João Gomes da Silva, que é uma pessoa de bem a cuja honestidade rendemos as nossas sinceras homenagens.

## «Entre os rufias de Lisboa»

No próximo número o oitavo e último capítulo desta sensacional reportagem que ganhou o nosso redactor Américo Faria ao nível dos nossos melhores reporteres e que deve emocionar profundamente os nossos leitores pela surpresa que contem e pela forma brilhante com que está redigida. Intitula-se «O criador de serpentes» (na Cascalheira e Sete Moínhos) e pode ser considerada modelar.

damas modestas, da pequena burguesia. *Madame Loubet* fôra caixeira de um *bric-à-brac* em Nantes; a de Fallières tinha um *restaurant* em Nimes. Daí vem o *couplet*: *Merci pour la langouste*, que os *chansonniers* popularizaram nas *boîtes* de Montmartre. *Madame Loubet*, quando lhe fôram dizer que o marido tinha sido eleito, desatou a chorar. — «E nós que eramos tão felizes! Que papel eu vou fazer na presidência — eu que nunca lidei com reis nem com rainhas!» Quiseram que Loubet fôsse reeleito: foi a esposa que o proibiu de aceitar a candidatura.

O *Tzar* da Bulgária conta no seu diário a seguinte anecdôta: «A melhor recordação que trouxe da minha viagem a França foi a de *Madame Loubet*. Nós, os reis, ignoramos o que é uma senhora burguesa simples e boa. Que santa mulher! Nunca conheci ninguém tão simpático! Ao banquete oficial ela estava à minha direita. Serviram-nos *chocolat-marron* — mas tão flácido que se colara aos dentes. Sabem o que *Madame Loubet* me disse? — «Vossa Majestade faça como eu... Meta os dedos na bôca e arranque o chocolate dos dentes. E' mais simples e não custa nada...» Segui o conselho — e deu bom resultado.»

OS ALÇAPÕES DO PALÁCIO DO ORIENTE

(Continuação da pag. 9)

vez, que durou até ao último dia do seu reinado (eu só saí do Palácio uma hora depois de Sua Magestade), o trabalho era outro... Sua Magestade descobriu nos arquivos do Palácio os planos que há muitos séculos o arquitecto, um estrangeiro, fizera para se construir aquêlê mesmo Palácio (1). Ora nêsses planos estava indicado um caminho subterrâneo que conduzia até às margens do Manzanares. Indicava também uns alçapões para nêle se entrar, mas êsses tinham desaparecido ou nunca se tinham feito. Fui eu sôzinho (sôzinho, porque Sua Magestade só em mim confiava) quem, a pretexto de umas inovações na instalação eléctrica, na *chauffage*, etc., os abriu. Um dêles está no próprio quarto de D. Afonso. Outro... ao lado da sala do trôno... Olhe: são sete. O mais alto tem uma escada de 37 degraus que conduz ao túnel subterrâneo. Este é irregular e muito húmido e desce sempre, num grande desnível. Mas está todo êle com lâmpadas eléctricas que, uma vez acesas, o iluminam, não havendo o menor perigo em percorrê-lo. A embocadura do lado do Manzanares está protegida de forma a poder-se sair dêle sem chamar as atenções. Felizmente D. Afonso não o necessitou... Mas quando se foi despedir da Rainha, veio ter comigo e segredou-me: «Se a Rainha ou os príncipes necessitarem de ti... já sabes.»

Calou-se um instante Ballester, e em silêncio fitando-me, sorriu:

—Sabe que num dos alçapões para a papelada existem cartas de um português? Foi por sua causa—por eu conhecer um português—que cometi a indiscrição de as ler, quando da *arrumação*... Quem é êsse seu compatriota? El-Rei D. Manuel... E Jesus!—que zangado estava quando escreveu essas cartas...

Cartas do ex-Rei D. Manuel

—Umás delas, recorda-me bem, prosseguiu Ballester—, diz pouco mais ou menos o seguinte: «Não sei se a História um dia pedirá responsabilidades do que se tem passado. O que não posso deixar de afirmar é que se não voltei ao meu trono a culpa é só de quem, por todos os motivos, devia ajudar-me. Por egoísmo, por interesse político, talvez na esperança de exhibir ao teu povo a desgraça duma república vizinha, fui obrigado a permanecer inactivo. Se me tivesse sido permitido atravessar a Espanha, pelo menos em 1919—já não falo das proibições escritas pelo teu punho, por ocasião das incursões—, e se tivesse entrado em Portugal então, a Monarquia não seria derrotada.»

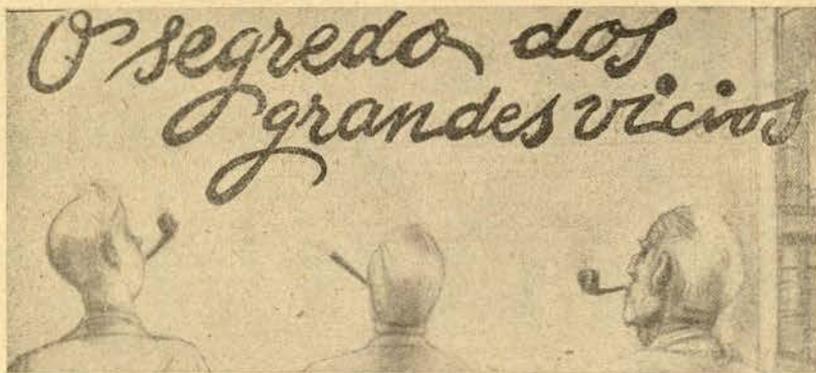
Quantos documentos valiosos como êste não ocultam os alçapões do Palácio do Oriente! E se não lhe descobrirem o segredo— a História perde-los-á para sempre. E' um vandalismo— como o dos Nibelungen atirando para o fundo do Reno os tesouros de Siegfried... E tudo porquê?... Porque um José Ninguem— «El noy del Gat»—construiu um engenho indecifrável... A pulga vence sempre o leão...

REPORTER X

(1) Refere-se a Sachetti ou a Juvarrá, ano 1734.—N. do A.

"A REPÚBLICA,"

Por uma nota officiosa do Governo, publicada na imprensa diária desta semana, soube-mos que um grupo de indivíduos assaltara o jornal *A República*. Ciosos dos nossos direitos à livre expressão do nosso pensamento, respeitamos nos outros, por mais variados que sejam os seus credos políticos ou religiosos, os mesmos direitos. E', pois, com sincera indignação que protestamos contra o condenável atentado de que foi vítima o nosso colega *A República*, pedindo ao seu Director, sr. Ribeiro de Carvalho, que aceite os protestos da nossa solidariedade.



A Humanidade, com as contadas excepções dos que se sacrificam a uma rígida abstinência, na esperança de um bem estar eterno após a morte, não se resignou nunca ao gozo dos prazeres concedidos pelas próprias religiões. Uma ansia de novos gozos a inquieta, primeiramente escravizando-se ao excesso desses prazeres, e depois buscando prazeres inéditos e proibidos, até ao extremo de convencionar a tolerância de alguns. Chama-se a essa sofreguidão física—o *vício*. Quantos *vícios* dominam os homens—alguns dos quais arruinando-os, pervertendo-os, depauperando as gerações? O alcool, o amor sem amor, por sensualidade alucinada, a gastronomia, a guloseima, os alcooldes... De todos, o mais generalizado, o mais tolerado, o que, até certo ponto, é mais inofensivo é o da *nicotina*, ou seja o do fumo.

Ora precisamente acabou de se celebrar em Paris o IV centenário de Jean Nicot, que difundiu o *vício* do tabaco. Realizou-se nessa ocasião um concurso de fumadoras, para se premiar aquela que sabia fumar com maior volúpia, elegância e beleza. A *vedette* das ribaltas parisienses, Maud Loty, foi considerada a mais bela das fumadoras, a *fumadora que melhor sabia fumar*, de entre todas as concorrentes...

Jean Nicot, que nasceu em Nîmes, em 1530, formou-se em Direito, em Paris. Caído nas graças de Bertrand, ministro de Henrique II, guindou-se à Côrte e foi nomeado embaixador da França em Portugal. Em Lisboa, Nicot conheceu um navegante português que, vindo do Brasil, lhe mostrou uma herva chamada «petun», que os índios brasileiros queimavam dentro duma espécie de cachimbo, aspirando o fumo. O jovem diplomata guardou a herva a que o português pouca importância ligava, sem pensar em usá-la. Mas tendo sabido que Catarina de Medicis, regente de França, mãe de Carlos IX e de Henrique III, padecia de continuas nevralgias, recordando-se do que o seu amigo lhe contara (que o «petun» adormecia as dôres) e querendo conquistar a simpatia da regente—ofereceu-lhe a herva. O resultado foi magnífico. Catarina de Medicis, curada das nevralgias, viu-se, fumando na presença da Côrte, e imediatamente se tornou moda o *fumar*, contagiando-se o *vício* a Espanha e a Inglaterra. O primeiro inglês que imitou Catarina foi John Stubb. De regresso a Londres, acendeu o cachimbo e começou a lançar fumaças pelas narinas. Um creado, que o contemplava, desalvorou alucinado de terror, berrando que *o seu amo estava a arder por dentro*. Depois veio a reacção contra o tabaco—visto que «petun» era tabaco... Jorge I de Inglaterra foi o primeiro a proibir «o uso dessaservas de cheiro repugnante, que encardia os dentes, as mãos, incomodando quem se avizinhava do fumador, e que, certamente, continha uma armadilha de Satanaz para apanhar as almas dos viciosos» (textual). O Papa Urbano III, mais tolerante, apenas proibiu o fumar-se dentro das igrejas. O visconde de Salamanca, inquisidor espanhol, proibiu os padres de fumarem antes da missa e os crentes, antes de comungarem. Na Persia e na Turquia e outros países muçulmanos condenava-se à morte os viciosos de tabaco. Na

França provocou uma controversia teológica. Houve uma época em que só os farmacêuticos o podiam vender—e com receita médica. Jean Nicot, ao abandonar Lisboa, ficou surpreendido ao ver a expansão que o tabaco, graças a êle, tomara na Europa. No século XVII raro era o francês que não fumava. Molière, que não era fumador, defendia o tabaco, escrevendo o se-



Maud Loty, Invencível fumadora

guinte, na sua comédia «D. João»: «Deixem falar os filósofos—elês não valem o fumo do tabaco. O tabaco é o *vício* das pessoas honestas. Distrai o mais perverso nem estraga. Esclarece o cérebro e melhora a alma»...

Não é bem assim—mas é, de facto, o mais inofensivo dos *vícios*. Contudo, em Portugal, ainda há poucos anos o fumador era considerado o mais imoral dos devassos. Quando uma família se opunha ao namoro de uma menina com certo pretendente, dizia-lhe: «Não vêes que Fulano é um estroina, um boémio, um *Tenório*... Ele até fuma!»

A mais sugestiva defesa do tabaco surgiu com a adesão das mulheres. Todas as damas civilizadas começaram a fumar em público, desde o principio do século XX... Em Inglaterra e na America, as *misses* recém-saídas da puberdade fumam diante dos pais. Conta-se que, em 1902, em alguns comboios ingleses se inaugurou a moda de compartimentos *só para fumadoras*. Na Belgica, as colegiais fumam. Na Holanda, rara é a camponesa que não fuma cachimbo. Ana Placido, a heroína do romance vivido de Camilo, em meados do século passado, escandalizava o Porto, fumando charuto, junto às grades da sua cela da Relação. George Sand fumava cachimbo e charuto. Calcula-se um gasto de mais de 1.000 contos diários, em fumo, só em Portugal. Em Inglaterra, afirma Liseau, queima-se diariamente 2.800.000 libras de tabaco... E foi em Lisboa e graças a um português que Jean Nicot (com cujo nome se formou a palavra *nicotina*) lançou esse *vício* mundial.

## 7 CASAL VENTOSO E PONTE NOVA

*O bairro da lata, labirinto da miséria — Gatunos de «esticação» — Um ladrão romântico e desgraçado — O golpe do Pai Francisco — O romance do «Fininho» — Uma cigana rica — A casa misteriosa, quermesse de aleijões — Escravatura branca — O processo de renascimento*

CHEGO de noite ao Casal Ventoso, lugar de degradação e de miséria como — suponha! — outro não haverá no mundo. A sua topografia é uma coisa impossível de descrever, de caminhos rasgados ao acaso, muitos deles com meio metro de largo, bandados de barracas insalubres, construídas de latas velhas, que são tugúrios infectos onde a vida transcorre plena de corrupção. Há escadinhas perigosas, espiralantes, cavadas na terra e sustentadas por tábuas pódres, as quais para serem descidas exigem jogos de equilíbrios fantásticos. Espreito para dentro duma dessas tocas com aparência de chiqueiros. E vejo em cacifos impossíveis, de aterradoras proximidades e ambientes doentios, monturos humanos e informes, enrodilhados em enxergões fedorentos pelo chão terreo... Ao lado de algumas barracas, nalguns sítios, existem covas enormes, abertas na terra, para depósito de dejectos que, fervidos ao Sol, exalam pestilências assassinas... Toda esta barracaria, em que se acota uma população ferreteada pela Desgraça, desce em anfiteatro pelos montes, até cá abaixo à Ponte Nova — outro sítio perigoso, tablado de misteriosas agressões pela calada da noite, palco de audaciosos roubos efectuados com inaudita audácia...

E embrulhado em trevas cerradas que apavoram o local, julgo por momentos que vou ficar soterrado sob as moles imensas de elevados mórros, cuja derrocada adivinho para breve.

Nem um candieiro de iluminação pública — impossível aliás de fixar aqui. Dou uma volta pelo sinistro sítio, cautelosamente, tentando espisar as sombras abeberadas de evocações, estranguladas de inanidade... Súbito, num recanto soturno, oiço barulho. Duas vozes avinhadas, roucas, altercam com violência, à mistura com choro aflitivo de crianças. Logo a seguir, apreendo gritos desgarrados, num cortejo de ânsias de socorro... Informam-me, dum postigo, que é um casal de ébrios que todas as noites se envolve em desordem... Mais adiante, duma outra barraca escapam-se notas dolentes dum fado triste... — Scismo no fatalismo desta gente miserável que canta para não lembrar máguas da vida e esquecer as contrações do estômago...

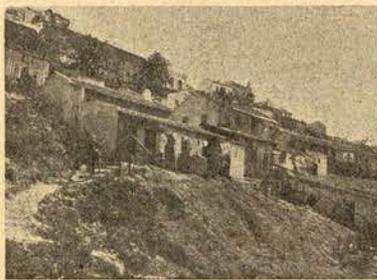
O contraste impressiona!

### A tara hereditária do crime

Manhãzinha cedo recomeço a reportagem. Cá em baixo, na Ponte Nova, deparo com duas figuras extravagantes da imensa Legião do Mal. Um deles dá-se ao luxo de usar variados nomes, para, finalmente, ser conhecido por uma simples alcunha, rotulada com a etiqueta de perigoso nos registos da polícia: «O Polidor». Tem 28 anos e já perdeu o conto ao número de vezes que tem estado preso. Seu pai era um famigerado «gravateiro», «O Saloio», muito

# Entre

falado nas gazetas e que veio a morrer em terras de África; e da mãe, a «Maria Faquista», conserva apenas vagas reminiscências, ouvindo dizer dela maravilhas, no que se refere à sua vida de coisas picares. Contava sómente 12 anos de idade, o «Polidor», e já era um valioso cúmplice dos progenitores, auxiliando-os no «trabalhinho»... A sua missão consistia em chorar, sentado em qualquer desvão escuro, com o fim de comover o transeunte que passasse... Depois, quando este, confiante, se curvava sobre o garoto a inquirir da causa daquele choro impressionante, aproximava-se o pai, sorrateiro, para «engravar» o descuidado passeante pelas costas, efectuando aquilo a que em boa gíria se chama: *golpe do Pai Francisco*. Então o «Polidor», inteligência precoce e instintiva do roubo, esvasiava num ápice todos os objectos de valor à indefesa criatura — afastando-se lestos, após a proeza, pai e filho... E gostava da brincadeira, o atre-



O nosso redactor descendo do Casal Ventoso para a Ponte Nova

vido garoto... Mais tarde, já totalmente emancipado da tutela paterna, fregolizou-se num dos mais audaciosos gatunos de «esticação», sabendo escamotear com extraordinária limpeza uma malinha de senhora ou um cordão de ouro do pescção de envaidecida matrona. E ainda um temível desordeiro que, ao menor pretexto, maneja na perfeição uma «naifa» enorme e ponteaguda. Os homens, os mais valentes do sítio, temem-no; e mulheres há, vegetando naqueles labirintos de sordidez, que o adoram e adulam...

Ao outro, seu companheiro de tenebrosas aventuras, chamam-lhe o «Fininho». Este apareceu por ali certo dia, creio que acossado de perto pela polícia por ter praticado qualquer pequeno roubo na casa comercial em que se empregava. Depois habituou-se, relacionou-se com o meio e com os homens, foi-se industriando no crime, integrando-se naquilo — e deixou-se ficar. A sua alma está muralhada contra todas as emoções, porque tem vivido todos os imprevistos da vida — confessa-me. E no olhar perscrutador e profundo, entoldado de nuvens pesadas, desenham-se-lhe imensidades de enigmas. Julgo que teve princípios — a avaliar pela sua facilidade de verbo e relativa eloquência, que ele impregna de certa filosofia amarga. Deve ter sofrido muito — penso, enquanto o escuto. No entanto, se o interrogam sobre o seu passado, afunda-se por instantes numa concentração feroz, vincado um rictus de amargura no semblante másculo, exclamando depois: — «O meu passado?... Para que querem vocês saber uma coisa que eu tento esquecer... O meu passado reduz-se apenas a isto: Felicidade, confiança em tudo e

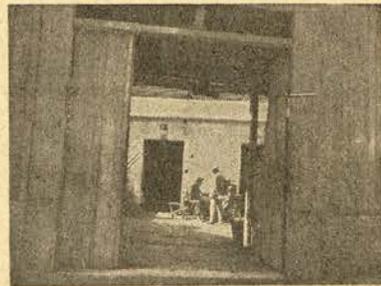
em todos, e desconhecimento total dos perigos de que a existência está erigida... Nada mais! E foi num desses perigos ocultos que eu fui cafr. Suponham vocês um abismo, muito fundo,

# os rufias de Lisboa

e lá em baixo uma estonteante mulher a atraí- nos a vontade, a cegar-nos de amor... E' claro que nós vamos descendo, insensivelmente, para esse abismo para a alcançarmos. Porém, quando lá chegamos, vemos horrorizados que caímos num autêntico atoleiro que nos atasca. Há um curto delírio, uma breve miragem de sonho e depois... e depois essa mulher estonteante foge-nos, sobe acima, à superfície, a procurar novas vítimas — limpa, porque a lama que nos afoga a nós não a alcançou a ela. E a sociedade recebe-a novamente. Quanto a nós ficamos eternamente prisioneiros do opróbio, torniquetados de lama, perdidos do mundo deles para sempre. E' este o meu caso! E' por isso que sou... um ladrão.»

E dum trago, após a explicação esfíngica, o «Fininho», em quem adivinho doloroso drama, emborca mais vinho, quedando-se absorto, em seguida, com as pupilas metálicas fixas no infinito...

Porém, a despeito da inflexibilidade de sentimentos com que pretende raiosamente iludir-se, tem por vezes lances admiráveis de piedade a sacudir-lhe o coração — a atestar uma elevada nobreza de caracter. Um dia, por exemplo — informou-me um amigo dele, — encontrou na rua uma criança a chorar convulsivamente. Era uma interessante raparigueta, dos seus dez anos. Interrogou-a; e ela, abafada pelos soluços, contou-lhe que tinha a mãe a morrer, em casa, sem ninguém que lhe fosse acudir. Condoído ante a acerba dor da pequenina, metralhado por uma rajada de comção, o «Fininho» conduziu-a a casa, no Monte Prado, mandando a seguir que fossem chamar um médico. E o médico veio, dignificando a morte próxima. Para lhe pagar os serviços, teve o «Fininho» que sair à rua e assaltar o primeiro



Numa taberna da Ponte Nova, Americo Faria ouve as confidências do «Polidor». De pé, vê-se o enigmático «Fininho»

transeunte de aparência afortunada que se lhe deparou... Depois, a infeliz mulher, não resistindo à mordidela fatal do cancro que a minava, faleceu passadas horas. E para que não baixasse à vala comum foi ainda o «Fininho» quem custeou um enterro modesto, para coval separado. A petiza, filha como era do amor canalha, ficava assim sózinha no mundo... Foi então que ele a levou para sua casa, afeiçoando-se-lhe, mimando-a de carinhos. Mais tarde

(Conclui na pag. 15)

# BAIRROS

## N.º 1 O "Conde Redondo" — o bairro da galanteria oculta

*Os bairros são sucursais de uma cidade, as suas células... Abrigam, numa variedade de «music-hall», gente de todas as classes, entrecrocando-se em romances de todos os estilos. Todos os bairros têm os seus romances, os seus mistérios, os seus segredos — que os outros bairros ignoram. Fazê-los desfilar uns ante os outros — eis o nosso plano...*

CONHECIA o dr. Antonio de B... há muito tempo. Era advogado de minha família. Durante os anos que o não vi, lembrava-o sobretudo pelo seu apurmo britânico, pelo amor-próprio do seu porte, pela mocidade da sua sobria elegância — embora não fosse já nenhum menino. De regresso a Portugal, começámos a encontrar-nos com frequência. Estranhei a metamorfose — o abandono de si próprio, o fato por engomar, o colarinho amachucado pelo uso, a barba grisalha de dias... Sabia que era casado e que tinha filhas. Perguntei-lhe pela esposa: — «Coitada — lá vai arrastando a cruz»... Interrogué-o sobre as filhas. Empalideceu e mudou de conversa. Uma noite deu-me a impressão de que estava à minha espera. Propôs-me um passeio. Avenida... Conde Redondo... Súbito, sem pretexto, interrompeu-me para me dizer o que se segue:

— Existem bairros fatais como existem homens fatídicos... Antigamente esse mau destino dos bairros estava estigmatizado no aspecto agonizante das suas ruas, dos seus casebres. Era um aviso. Os prudentes ladeavam-nos sem lá entrarem. Eram gafarias morais. A cidade e a sociedade bolsavam-lhes os restos triturados pela Fatalidade ou pelo Vício. A polícia vigiava-os, perseguia severamente os seus habitantes. A perdição era um corpo nudo, apodrecido pela lepra. Não tentava os espíritos, por mi miopes que fossem. Só os encontros do Azar os enchiam — como quem despeja o lixo numa vala nauseabunda. Agora não! Os bairros fatídicos luxam todas as galas, são bairros *chics*, elegantes, quasi aristocráticos ou pelo menos burgueses. Os ou *as* que nêles se reúnem não foram impelidos pela Má Sina: vieram gostosamente pelo seu pé, bem calçado, ou de *limousine*. A lei atrasou-se e, não prevenido esta metamorfose, só intervem, vigia, escraviza os bairros que se vestem de chita, ignorando que o vício também pode trajar sédas. E graças a essa ignorância da lei as irmãs venturosas das dos bairros gafados vivem em pleno privilégio. Umas choram a sua fatalidade, gemem, dolori-

das, as suas misérias; sujeitam-se, humides, aos rigores da lei... As outras ostentam, com orgulho, a liberdade e a falsa aristocracia das suas existências; exibem, altivas, as sumptuosidades com que é premiada a sua *mala-vida*...

«Mais grave do que tudo isto é a cilada que estes bairros armam aos outros bairros. Aparentam conforto, atraem os que lhes confiam as almas ainda puras, as vidas destinadas a um casamento honesto, a um lar venturoso e sadio... O espectáculo dos seus paraísos pagãos

ainda, uma bela cabeça branca, e com um tão fácil jogo fisionómico (vestígios da pedincha e da lamúria) que recorda certos velhos actores mui experimentados, dêsses que representam mesmo fóra de scena. Expus-lhe o meu plano. Ofereceu-se logo para me guiar. Combinou-se dia e hora. Foi pontual. Tomámos nos Restauradores um «electrico» «Gomes Freire-Avenida»...

— Repare bem na gente que nos cerca — avise-me. — Os carros desta linha trazem sempre

# lisboetas



Rua do Conde Redondo — a «capital» do bairro...

sugestiona, embriaga as ingénuas, na estreiteza da vizinhança. Depois, quem o é não gosta de ser só... Tentam, seduzem, provocam, desinquietam, contagiam, pervertem... Quantas vítimas, quantas lágrimas não têm causado estas bairros!»

Calou-se. Andámos, sem rumo, durante um quarto de hora. Bruscamente, a meio da Rua Luciano Cordeiro, estacou! e indicando-me umas janelas, disse:

— Já vivi naquêles primeiro andar. No segundo vivia — só o soube mais tarde... — a famosa Margarida C..., heroína dos *cabarets*...

Nova caminhada silenciosa... Por fim, ao notar que eu o observava de esguelha, limpou uma lágrima, rematando: «Você perguntou-me há pouco pelas minhas filhas... Perdia-as, meu amigo... Andam por aí, como princesas...», *princesas da minha vergonha... e da desgraça delas próprias!!!*

### Bernardo, mendigo reformado

Quando alguém soube que eu tencionava reatar a reportagem aos bairros lisboetas, a começar pelo Conde Redondo, indicou-me o sr. Bernardo para me ciceronar... Que conhecia o sítio, por dentro e por fóra. Como? Tinha sido mendigo no local — e célebre — durante alguns anos. Levaram-me a sua casa. Vive agora para as bandas da Estrela, num casebre asseado como asseado é o seu vestuário. Reformou-se com bastas reservas monetárias — segredou-me o meu companheiro. Bernardo é um velho de 60 anos, rijo

as mesmas pessoas, a horas certas. Os habitantes do Conde Redondo, apesar de que, no seu maior número, vivem mais de noite do que de dia, são metódicos, pontuais, fíeis aos seus hábitos. Dou-lhe a minha palavra de honra que perdi a noção do tempo. Mas ia jurar que são 4 horas... Não! Não veja o relógio ainda. Deixe-me acabar... Vê aquelas duas raparigas que vão no banco do fundo? São Henriqueta, filha de um médico, e Maria Dulce, divorciada de um ex-ministro! Basófia! A Henriqueta é Maria e a Maria é Joana; uma é filha dum varredor da Câmara e a outra divorciada de um caixeiro do Grandela. Henriqueta é mais antiga no bairro. A Dulce foi habitar com o marido para o último andar do prédio onde a outra vivia. Era honesta. Deram-se. Visitaram-se. Passado meses, Maria Dulce deixava o caixeiro e vinha viver com a vizinha, que lhe arranjara um emprego no «Maxim's». O pobre rapaz ia enlouquecendo. Dizem que está tuberculoso. Fizeram as pazes. Ela manda-lhe leite e ovos todas as manhãs. Remorsos... A's vezes vai visitá-lo, mas proíbe-o de a beijar... Andam sempre juntas... Saem ao meio dia, dão umas voltas e regressam ao bairro às 4 horas em ponto. Têm quem as espere em casa... E' aquele velhote que vai todo atento na leitura do *Século*... E' brasileiro... Aninhou uma amizade com uma mocinha de 18 anos, na Rua da Sociedade Farmaceutica. E' viuvo e tem uma filha da idade da amante. Capricha em vesti-las ambas de igual. Já lhe sucedeu que um rapa-



Um «auto» aguarda a E. C. para a conduzir à orgia...

(Conclui na pag. 15)

# Roubaram o cadáver de um Rei A Alemanha trágica

(Continuação da pag. 5)

(Continuação da pag. 4)

gráfico de Leipzig. No domingo 26 do passado mês de Abril, dia de raro movimento na estação desta cidade, o funcionário de serviço viu chegar, através do seu *güchét*, um sujeito dos seus 40 a 50 anos, de aspecto burguês, o qual, acavalando uns óculos no nariz judaico, esteve, durante mais de meia hora, redigindo e inutilizando impressos, apresentando por fim um telegrama em termos que despertaram a suspeita do empregado, já alertado pela sua atitude: «Matheu Elzeberg—Hotel Mercedes—Avenue Kleber-Paris. Recibi ordem fazer banco prefiro metal devolvo papel stop a-pesar ruído em redor movimento Dressn êxito absoluto stop retrato Revlis está já sua casa Berlim necessita tratamentos imediatos conservação porque ainda não está completamente estragado era perigoso causa cheiro — Heine.»

«Em todo o telegrama transparecia o disfarce de linguagem. Os telegrafistas pressentiram apenas o seu lado suspeito. A direcção da policia ligou-o ao assunto por várias coincidências. A frase *ruído em redor monumento Dressn* recordava-lhe a sensação produzida, pouco antes, pelos vandalismos anónimos cometidos no túmulo monumental de Werther, precisamente em Dressn—atribuído logo aos «vampiros de cemitérios»—embora não se pudesse explicar o seu objectivo, visto que Werther não levava jóias para a cova. Confiaram o telegrama a Fritcher que, com a sua reconhecida argúcia, lhe arrancou outras revelações. 1.<sup>a</sup>—A assinatura Heine é um apelido raro; contam-se na Alemanha as pessoas que o possuem, e estas são descendentes do grande Heine. 2.<sup>a</sup>—As referências ao retrato de um tal Revlis eram duma máscara diáfana, pela evidência da sua anomalia. Qual é o retrato que necessita de tratamentos porque não está completamente estragado e cujo cheiro se torna um perigo? Reflectindo muito, Fritcher teceu a hipótese ousada (sempre baseado na suspeita de que tudo se relacionava com os «vampiros de cemitérios») de que o retrato significava cadáveres—porque o cheiro dum cadáver em decomposição é, de facto, perigoso, e porque um cadáver, quando não está totalmente descarnado, ou seja decomposto, ou estragado como dizia o telegrama, exala um fartum nauseabundo, podendo-se sujeitá-lo a um *tratamento* que evite ou apresse a decomposição. Mas o que veio confirmar as suspeitas do detective foi o nome do retratado: Revlis não é nome alemão nem vulgar em qualquer outro país; e

fixando-o um pouco, logo as letras cabriolam, deslocando-se e apresentando-se na ordem inversa. *Revlis-Silver*. Ora Silver, Max Silver, o autor austriaco do livro de Guerra «A Humanidade moribunda», que tão violento escândalo causou, a seguir ao romance de Remarque, foi assassinado, como se sabe, há três semanas. Fritcher requereu, sob o maior sigilo, a exumação do corpo do romancista. Esperava ele encontrar vestígios de violação e a falta de qualquer objecto de valor, dos que a família do desditoso romancista lhe indicara. Mas embora Fritcher não tivesse esquecido as referências ao *retrato* e à *decomposição*, não pôde esquivar-se a um gesto de pasmo ao reconhecer que o ataúde estava vazio. O cadáver de Silver desaparecera.»

## O coleccionador de cadáveres

Telegramas para Paris. O gerente do Hotel Mercedes declara que, de facto, estivera uns dias no seu hotel um sujeito de nome Matheu Elzeberg, dizendo-se natural de Copenhague. No impresso telegráfico que o pseudo Heine enchera, na estação de Leipzig, dera, como endereço, Augustus-Platz, n.º 8. Nesse número e nessa praça existe um «bar» onde ele nem sequer é conhecido. Mas pelo visto o citado Fritcher é um detective com bom olfacto e aproveitou-o para farejar o tal quadro mal cheiroso. Lançou os seus auxiliares na pista de um moço, de um *chauffeur*, de um carroceiro de Berlim que tivesse, nas proximidades da data do telegrama, feito o frete de um volume pouco perfumado. Não detalham as reportagens alemãs as peripécias dessa caçada. Sabe-se apenas que 48 horas depois era preso, em Leipzig, quando comprava na Cook um bilhete para Copenhague, o autor do telegrama. Bastou olhá-lo e vasculhar a seguir os seus ficheiros para que Fritcher conhecesse, antes do preso se confessar, todos os segredos da sua personalidade. Nome: Jacob Lyncald. Alcunha: «Von Zimmer». Ascendência: Ignorada, embora se suspeite que seja judeu renegado. Idade: 42 anos. Naturalidade: Hamburgo. Cadastro: 8 prisões e 3 condenações, por furto, «escroquerie» e... uma suspeita de cumplicidade no assalto ao jazigo do banqueiro Wieth, em 1921. Prensado num interrogatório longo e... científico, confessa parte da verdade. Nunca pertencera a qualquer bando de vampiros de cemitérios embora tivesse auxiliado algumas violações a túmulos ricos. Foi ele, de facto, ajudado por cinco cúmplices especialmente contratados com esse fito, quem roubou ao sossêgo da cova o cadáver de Silver. Foi ele também o autor do espectacular, vandálico e inexplicável assalto ao túmulo de Werther, em Dressn. Mas porquê? Porquê? insistira o comissário que o interrogara. Se fôsse para roubar jóias, roupas; se fôsse sob o domínio de um desejo alucinado e satânico, no estilo do sátiro de Dusseldorf—compreendia-se... Mas para roubar cadáveres—alguns em decomposição...

E' com evidente esforço que lhe arrancam o segredo. Mas arrancam-no... Existe um cavaleiro, muito rico, escandinavo (Jacob, sinceramente ou não, garante ignorar detalhes dêsse homem), sueco, norueguês ou dinamarquês, não sabe; residente em Oslo, em Stokolmo ou Copenhague, igualmente ignora visto que das três capitais tem recebido correspondência, embora os encontros se realizem sempre em Berlim e raras vezes em Leipzig, que um dia lhe foi apresentado por um amigo e que lhe confidenciou o seguinte: «Possuo uma razoável fortuna, deixei os negócios e não tenho família. Preciso distrair-me com algo... que não seja uma banalidade. Tenho a paixão dos grandes vultos, dos homens gloriosos ou dos indivíduos que se salientaram com estrondo. Fui coleccionador entusiasta. Hoje aborreço os selos, os marfins, os

meta com a guerra, tenta uma obra de paz e de reabilitação, ao ser nomeado ministro dos Estrangeiros. «A «Maffia» do Kaiser» trata-o por «traidores». Em 24 de Junho de 1922, quando ele seguia de «auto» para o ministério, um outro «auto», ocupado por Tchow (21 anos), Kern e Fischer, cruza-se com o seu, disparando uma metralhadora e atirando uma granada de mão, que o fulminou imediatamente. O «auto» pertenc-



Schultz e Tillesen, assassinos do ministro pacifista alemão, Erzberger

cia ao industrial Kuchery, membro da «S. T.», uma das principais lojas da «Maffia». Oito imperialistas foram presos como cúmplices dêsse crime. Três vezes foram substituídos os juizes que os deviam julgar, apresentando a tempo a demissão ou *adoecendo* ante as ameaças recebidas. Um juiz que estava disposto a aplicar severamente a lei—dr. Warss—foi assassinado na véspera... Os criminosos foram condenados a penas insignificantes—alguns só a 3 semanas de cárcere—e nem mesmo essas cumpriram. No mês de Janeiro de 1924, a «Maffia» cometeu 64 crimes, ou seja uma média de 2 crimes por dia... O último crime desta série foi o do jornalista Hubert, que atacou a «Maffia». Encontrando-se no seu gabinete, a trabalhar, uma bomba, atirada duma casa vizinha e entrando pela janela, crivou-o de estilhaços. Segundo o último artigo de Hubert (que não chegou a sair) aos 354 crimes ds «Mafia» estão ligados, directa ou indirectamente, mas comprovadamente, 3,700 criminosos. Só dois se encontram actualmente sob ferros!

Estas revelações causaram a mais profunda sensação em França e na Inglaterra.

esmaltes, o *bric-d-brac*. Pouco a pouco formou-se-me no espirito um plano gigantesco, dos que, a serem realizados, imortalizam o realizador. Os cadáveres de todos os grandes homens andam dispersos—guerreiros, monarcas, navegantes, sábios, escultores, artistas—uns em *pantheons*, outros em covais ignorados. Que grande obra, que obra gigantesca reuni-los a todos no mesmo palácio... Há dez anos que vivo só para esta ideia. Há dez anos que gasto milhões de marcos para a pôr em prática. Tenho vários auxiliares, hábeis, decididos, ousados—mas prudentes, discretos, incapazes de comprometerem a minha obra com um passo em falso. Quere ajudar-me? Pago bem!»

..... Durante as poucas conversas que Jacob teve com o pseudo Matheu Elzeberg, êste dissera-lhe que possuía já dezenas de cadáveres e entre os mais célebres estavam o de Beethoven, o de Bismark, o de Shakespeare, e os de cinco monarcas: um alemão, dois franceses, um dinamarquês, e um português. *Este último tinha sido pago, aos cúmplices que o vieram escamotear do pantheon de Lisboa, pela quantia de 200.000 marcos !...*



D. Luis Felipe

## ENTRE OS RUFIAS DE LISBOA

(Continuação da pag. 12)

conseguiu metê-la num asilo de caridade, onde a vai visitar, todos os meses, levando-lhe presentes infantis. Há ocasiões em que lhe procuram porque procede êle assim, se não tem qualquer interesse na garota. E logo êle, rancoroso, sacudido, perturbado, responde como se falasse consigo mesmo: — «E' certo, sim!... Mais valia que a tivesse deixado para aí, medrando no entulho, abandonada à miséria... Seria mais uma — como tantas outras... Mais valia, é certo!... Sou parvo em ter dó — porque de mim ninguém o teve...»

Ladrão romântico, êste subdito do Crime?... Será!... Desgraçado, é com certeza!

### O torpe negócio das crianças

Sob o *loup* radiográfico da minha insaciável curiosidade perpassa agora uma alma singular de mulher, cujo viver impregnado de crimes nefandos eu tento dissecar pacientemente, transparentando as trevas que o envolvem, desbobinando toda a podridão em que a sua existência se entroniza... A maneira como a conheci não interessa à reportagem! Saiba-se apenas que ela, arduamente em mim um deslocado no meio, oriundo duma camada superior, doutro ambiente que não podia ser aquele (eventualmente que, apesar dos esforços que para o efeito empreguei, eu não consegui metamorfosear-me por completo num autêntico «rufias», o que em certas alturas me poderia ter acarretado graves dissabores), no momento em que eu satisfazia a conta duma refeição em qualquer tasca do sítio, fez-me uma proposta ignóbil, uma proposta que tive a coragem de escutar serenamente, num gigantesco esforço de vontade... E confesso que na ocasião, não dando à sua oferta híbrida, feita capciosamente e com habilidade, uma importância de maior, deixei fugir uma esplêndida oportunidade de realizar uma reportagem sensacionalíssima — que era a de visitar a sua residência, alcaço mágico de horribéis realidades... Só mais tarde, ao narrarem-me a sua história de repugnantes tenebrosidades, eu me esfalei, numa hipnose de interesse, a procurá-la por toda a parte. Mas foi já tarde; nunca mais voltei a vê-la...

Entretanto fiquei sabendo que é um monstro repelente aquela mulher infame... Parece que é cigana repudiada pelos da sua raça por lhes ter atraído a maneira de viver, fugindo com um homem que a encadeou de amores. Depois, deu-se a negociar em tudo que lhe oferecesse lucro — desde o seu corpo bronzeado e esbelto até aos conhecimentos práticos de abortadeira, que possui. Hoje deve ter uns cinquenta anos — bem conservados, todavia. De tempos a tempos, qual mensageira da desgraça, calcurreia os bairros onde a miséria arraiala, na mira do torpe negócio que a enriqueceu — porque é rica, muito embora queira aparentar de pessoa pobre.

Dizem-me que a casa em que vive é um autêntico asilo de crianças. Reside num casarão amarelento e misterioso na Fua da Fábrica da Polvora, a dois passos de Monsanto. Alguém que um dia lhe visitou a casa saiu de lá apavorado com o que observou. Viu uma dezena de crianças de ambos os sexos, entre os seis e os quinze anos. Algumas eram disformes, hipertrofiadas de aleijões, aleijões que foram cruelmente artificializados pela cigana para o seu negócio. Estes infelizes entes, que ela arrebanha pela ruas, por não terem família, são depois alugados ou vendidos aos industriais da mendicidade, que com eles efectuam o seu aviltante negócio, expondo os aleijões impressionantes — pernas torcidas, bamboleando-se cruciantemente entre as muletas pequeninas, pés horrivelmente mutilados, mãos cortadas, corpos chaguentos, uma verdadeira quermesse de horrores. Outras das crianças, do sexo feminino, as que são mais fortes, reservava-as a cigana para o torpe comércio da carne humana — tratando-as o melhor possível, aliando-as

## BAIRROS LISBOETAS

(Continuação da pag. 13)

zola lhe foi pedir a amante em casamento, julgando que era a filha. Também é pontual. Às 4 horas toma «Gomes Freire-Avenida». Agora veja o relógio. Hein? Quatro e cinco... Não me engano nunca... Durante muitos anos não sai do bairro... Conheço-os a todos... e a todas... Toque... Podemos começar por aqui...

### Os «fogos-fátuos» do Bairro

Impossível definir, pela ordem exacta, todas as revelações do sr. Bernardo. Reproduzo-as de memória e à medida que as recordo. São tantas...

Na Rua Bernardo de Lima. Uma janela aberta, quasi à esquina, e debruçado à janela, ocultando um cigarro, um rôsto em que alguma beleza e muita *maquillage* procuram ocultar o plebeísmo do nascimento. Veste um pijama berante.

— Não conhece? E' a «Mulher Fatal» do Conde Redondo, a célebre M. A.. Ela não tem culpa. Os homens ficam loucos... Porque é bonita? Talvez. Mas também porque criou fama... A fama também faz muito nestas coisas... E' o terror das famílias... Conhece o caso do industrial L. A.? Ruína ruidosa e brusca. Por causa dela! Da desgraça do pobre Ruy C..., empregado do Banco Z..., também foi ela a causadora...

Rua Luciano Cordeiro... Bernardo indica-me o andar onde vive uma das famílias mais ilustres e honestas do bairro, a do grande artista que é Nascimento Fernandes. — «Já houve uma *madura* que pagou 5 contos para que saíssem do andar fronteiro, só para apreciar para casa do sr. Nascimento. E é uma joia, o sr. Nascimento. Nunca me dava menos de 5 tostões. Quando deixei... de pedir, encontrei-me e disse-me: «O' Bernardo, constia-me que te reformaste com o vencimento por inteiro... Se não te fizesse muita falta podias restituír-me algum dinheiro que te dei... Olha que sou operário sem trabalho. E se tu me ensinasses o teu officio? Guarda-roupa não me falta, e geito talvez tenha...» — E' muito simpático, o sr. Nascimento. Mais adiante, um prédio pequeno, de dois andares apenas. Parece um elefante recém-nascido, entre elefantes grandes. Bernardo insinua: — «O que se passou naquela casa, Pai do Céu!... Foi... — Ah! como se chama? — *grasomiere*... (*garçonnière*...) dum tal Bento... Era um palácio, lá dentro. Vendeu tudo ao jôgo. Vendeu-a a um estrangeiro...»

— O sr. o que pensa? — prosseguiu Bernardo. — Não é só o sr. Nascimento. Existem outras pessoas ilustres cá no bairro... O sr. Ribeiro Castanho, antigo deputado e ministro, deu-me sempre esmola, excepto quando governava... O maestro Pereira da Silva... O banqueiro sr. E... Quere dizer... o sr. E... vive em duas casas — uma nas avenidas, outra aqui. E' milionário. Quando lhe pedi esmola a primeira vez... deu-me um tostão. Na segunda, *decompôs-me*..., chamou-me mandrião, patife..., como se eu fôsse banqueiro também...

O fotógrafo acompanha-nos e cubiça uma janela da Rua Conde Redondo, N.º..., 3.º andar, para *kodakizar* um aspecto do bairro. — «Hum!

ainda mais, acordando nelas o instinto da *coquetterie*. Depois arranja o comprador, efectua «raids» a alguns *clubs* particulares, onde há velhos sátiros que lhe pagam a *mercadoria* por bom preço. É a mesma *mercadoria* é vendida ou alugada, muitas vezes, por nova, porque a infame criatura tem meios de a renovar, e lhe dar a aparência de novinha em folha.

Ganha assim muito dinheiro, sem perigo das leis, em face de só se utilizar das crianças orfãs, que não têm quem as defenda... E o que é certo é que tem escapado sempre a todas as armadilhas que várias pessoas têm pretendido armar-lhe... Até um dia, é claro!

AMÉRICO FÁRIA

— fez o Bernardo. — Os srs. experimentem, mas não creio que consigam nada.» Subimos. Relutância em abrir a porta. Abre-se por fim e apaçeca-nos uma matrona anafada, cilíndrica, ventruza, segregando Niagaras das faces rechonchudas e rubras. Faz-nos repetir vezes sem conta a mesma explicação. Responde-nos por monossilabos. Perscruta-nos, mede-nos de alto a baixo... — «Mas afinal quem são os senhores?» — pergunta, acusto. — «Somos do *Reporter X*» — elucidamos, ao mesmo tempo que exibíamos as nossas carteiras profissionais. A matrona arregala os olhos, mastiga uma praga — ou uma súplica — e ofegante, com o scio a dilatar-se sob a blusa, repete: «Do *Reporter X*?... Do *Reporter X*?...» Zás! Porta fechada! — «Eu não lhes dizia? — filosofou depois o sr. Bernardo. — Casa misteriosa... Eu conheço a história, mas essa... devia-a calar... Não podia ser... Deixavam lá entrar alguém do *Reporter X*... Nada que lá não é tóla!»

Passo por um prédio, e entristeço. Numa noite, há cinco anos, subi àquele 3.º andar e, com esperanças de reporter, ansioso de triunfo, torturei involuntariamente uma alma nobre e angustiada, armando ciladas ao seu segredo na esperança de alcançar provas contra um criminoso... Bernardo interrompe as minhas aflitivas recordações para me revelar as suas: — «Uma madrugada, vi parar um carro àquela porta. Reconheci logo o homem que dêle desceu. Dava-me esmola muitas vezes. Conferenciou com o *chauffeur*. Pareciam discutir. E êle, de chapéu para a nuca, agitava-se, juntava as mãos, limpava o suor. Por fim, depois de olhar muito em redor, tirou do carro um embrulho e entrou em casa com êle. Suspeitei tanto duma tragédia que nem sequer saí da sombra para lhe pedir, como de costume, uma esmola... E contudo, longe de mim a ideia que dentro daquele embrulho há o vestígio de um crime recém-praticado, um crime sensacional, que fez estremecer toda a Lisboa... Sabe o que ia dentro daquele embrulho? O casaco da pobre Maria Alves, que, àquela mesma hora, estava caída, morta, na Rua Frei Francisco Foreiro...»

Bernardo tinha razão. Era ali que vivia o mal-fadado Augusto Gomes... Dias depois da tragédia, eu, que desde a primeira hora o acusara, tentara surpreender o segredo da pobre Miquelina, interrogando-a com «trucs»... de reporter. O que ela não teria sofrido, para resistir-me, para salvar o homem por quem tudo sacrificou! E' uma página sombria da minha vida jornalística.

— «E ali? Não... No outro prédio... Foi há mais de dez anos. Apareceu uma linda rapariga, das mais lindas que tenho visto... Pobre dela... Triste fim o dela... Chamava-se R. C... A sua morte também deu que falar... Lembra-se?»

A tarde expira, beijando a noite que lhe oferece o disco aplatinado da lua, como se fôsse de uma amante... Descemos o Conde Redondo, em direcção à Avenida. Findou a reportagem. Num rés-do-chão, toda nervosa e debruçada, uma mocinha honesta, uma burguezinha filha-família, conversa, emocionadamente, com a vistosa E. C..., *ex-vedete* dos *clubs*, sua vizinha do 1.º andar... Ignoro o que dizem — mas sei o que se passa numa daquelas duas almas... na alma burguezinha da do rés-do-chão, que esprieta, às vezes, para dentro de casa, temendo que a surpreendam naquela intimidade proibida. Um «auto» aguarda a E. C. para a conduzir à orgia, ao *champagne*, ao Estoril, ao jôgo, ao baile, às aventuras do amor sem amor, sem brio... Na alma da burguezinha dilata-se a tentação, as toxinas do contágio... Pensa que a felicidade está ali — naquela vida..., naquêla automovel..., naquêlo mistério... Já se maquiha — muito mal ainda... Já desprezou o namorado pobre... Ah! o Conde Redondo

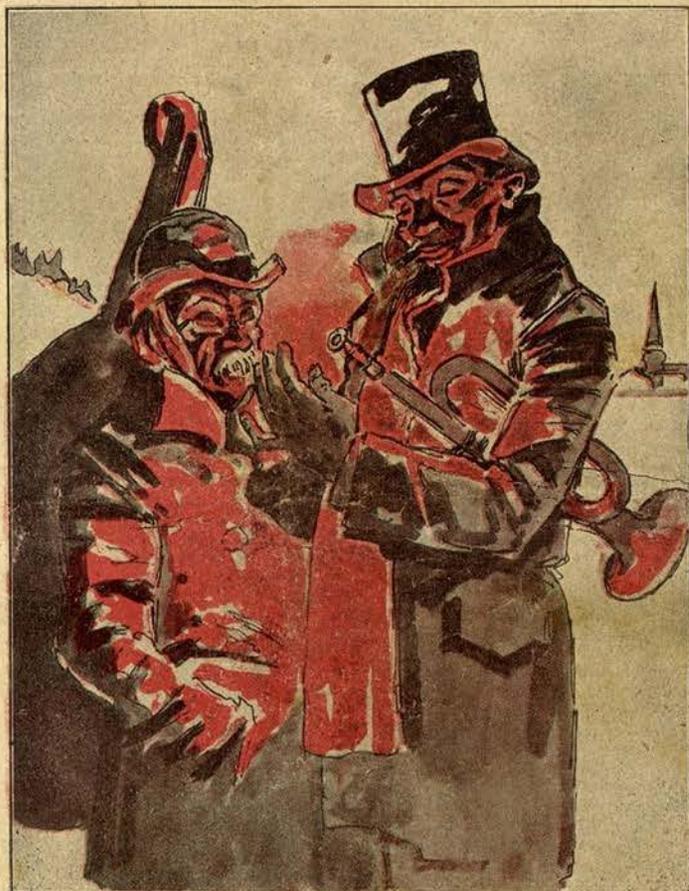
REPORTER X

---

---

# Novela Policial

Director : Reporter X



QUINTA-FEIRA, 28 DE MAIO

## AMARELO E VERMELHO

Original inédito do REPORTER X

---

---